

O papel das imigrações no crescimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia

*Haller Elinar Stach Schönemann**

Resumo

As migrações humanas foram bastante intensas no último século e meio. Durante esse período a Igreja Adventista do Sétimo Dia teve a sua origem nos Estados Unidos e expandiu-se em todo o mundo, sendo hoje a igreja protestante presente no maior número de países. A análise desse crescimento demonstra a contribuição dos processos migratórios para a rápida expansão da IASD ao redor do mundo. A primeira etapa ocorreu entre 1870-1914 quando a imigração europeia em direção ao continente americano facilitou que os imigrantes europeus se convertessem a IASD nos Estados Unidos e voltassem aos seus países para difundir o adventismo, bem como a expansão no cone sul. A segunda etapa ocorreu mais intensamente após a Segunda Guerra Mundial até por volta de 1980 quando os processos de migração rural-urbana na América Latina e algumas partes da Ásia contribuíram para a IASD tivesse um grande crescimento nas áreas urbanas, em grande parte devido a conversão desses migrantes. A terceira etapa ocorre a partir de 1980 quando há uma intensificação de populações de várias regiões do Terceiro Mundo para a Europa e os Estados Unidos. A IASD nesses países centrais tem seu crescimento sustentado a partir desses imigrantes, dos quais uma boa parte já era adventista em seus países de origem. Em suma, podemos perceber que os fluxos populacionais migratórios relacionam-se com a difusão de igrejas, como a IASD, por facilitar o fluxo de informação e também por oferecer uma estrutura de acolhimento e sociabilidade aos imigrantes.

Palavras-chave: imigração; conversão; adventismo.

* Doutor em Ciências Sociais e Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, Professor da UNASP e Pesquisador Colaborador do grupo Religião e periferia na América Latina (REPAL).

The role of immigrations in the growth of the Adventist Church of the Seventh Day

Abstract

Human migrations had been sufficiently intense in the last 150 years. During this period the Seventh Day Adventist Church (SDAC) had its origin in the United States and became enlarged in the whole world, being the church protestant present in the biggest number of countries. The analysis of this growth demonstrates the contribution of the migratory processes for the fast expansion of the SDAC in the world. The first stage occurred enters 1870-1914 when European immigration in direction to the American continent facilitated that the European immigrants if convert the SDAC into the United States and came back to its countries to spread out the adventism, as well as the expansion in the south cone. The second stage more intensely after occurred World War II even for 1980 when the processes of agricultural-urban migration in the Latin America and some parts of Asia had contributed for the SDAC had a great growth in the urban areas, to a large extent had the conversion of these migrantes. The third stage occurs from 1980 when to an intensification of populations of some regions of the Third World for the Europe and the United States. The SDAC in these countries central offices has its growth supported from these immigrants, of which a good part already was adventist in its native countries. In short, we can perceive that the migratory population flows become related with the diffusion of churches, as the SDAC, for also facilitating the information flow and for offering to a structure of shelter and sociability to the immigrants.

Keywords: Migration; Conversion; Adventism.

El papel de las inmigraciones en el crecimiento de la Iglesia Adventista del Séptimo Día

Resumen

Durante las intensas migraciones humanas ocurridas en el último siglo y medio la Iglesia Adventista del Séptimo Día, de origen en los Estados Unidos, se expandió por todo el mundo, y hoy es la iglesia protestante presente en mayor número de países. El análisis de ese crecimiento demuestra la contribución de los procesos migratorios a su rápida expansión. La primera etapa ocurrió entre 1870-1914 cuando la inmigración europea hacia el continente americano facilitó la conversión de inmigrantes europeos a la IASD en Estados Unidos y que volviesen a sus países para difundir el adventismo, también facilitando su expansión hacia el cono sur. La segunda etapa ocurrió más in-

tensamente después de la Segunda Guerra Mundial hasta aproximadamente 1980 cuando los procesos de migración rural-urbana en América Latina y algunas partes de Asia contribuyeron a un grande crecimiento de esa iglesia en áreas urbanas, en gran parte debido a la conversión de esos migrantes. La tercera etapa ocurre a partir de 1980 cuando hay una intensificación de poblaciones de varias regiones del Tercer Mundo hacia Europa y Estados Unidos. La IASD en esos países centrales sustentó su crecimiento en esos inmigrantes, de los cuales buena parte ya era adventista en sus países de origen. En suma, podemos percibir que los flujos poblacionales migratorios se relacionan con la difusión de iglesias, como la IASD, por que facilitan el flujo de información y también por que ofrecen estructura de acogimiento y sociabilidad a los inmigrantes.

Palabras clave: Inmigración; Conversión; Adventismo.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD)¹ tem sua origem nos Estados Unidos nos meados do século XIX, em torno do carisma profético de Ellen White entre um grupo de crentes do fracassado movimento milenialista de William Miller, fazendeiro batista do interior do Estado de *New York*, que pregava a volta de Jesus Cristo para 1843. Atualmente, a IASD está presente em uma grande quantidade de países e segundo divulgado internamente seria a denominação protestante mais amplamente distribuída no mundo (YOST, 1990). No Brasil, a inserção da IASD se deu no final do século XIX e, hoje, tem mais de um milhão de membros, tornando o país, o primeiro no mundo em quantidade de membros adventistas. Segundo o censo do IBGE de 2000, a IASD seria a segunda maior denominação na categoria “protestante de missão” no Brasil, atrás apenas dos batistas. A IASD no Brasil está bem presente em todo o território, com uma concentração maior de membros na região Norte do país, apesar de a sua inserção no país ter ocorrido através das colônias alemãs concentradas no sul.

Pretendemos discutir o lugar das migrações no crescimento da IASD, focando em especial o Brasil. Consideramos importante apresentar o pensamento adventista para podermos identificar fatores e características que cooperam para compreender a relação das imigrações com o crescimento da IASD.

Origens da IASD

O casal Ellen e James White, junto com Joseph Bates são nor-

¹ Durante o texto utiliza-se apenas a sigla IASD.

malmente apontados como os fundadores da IASD. Os três foram seguidores de William Miller, que ensinava que a volta de Cristo a Terra ocorreria entre 1843-44. Sua mensagem produziu um grande reavivamento e agitação na região nordeste dos Estados Unidos. William Miller nasceu em uma família batista, mas no início da sua vida adulta distanciou-se da prática religiosa por aceitar as ideias do Deísmo². Servindo na Segunda Guerra da Independência teve uma experiência na qual uma bomba explodiu próximo ao local onde ele estava, porém ele não se feriu. Esta experiência deixou-o em dúvidas sobre suas posições deístas, pois o evento lhe pareceu ser um acontecimento providencial. A vitória dos Estados Unidos na guerra sobre o Exército Britânico, maior e mais experiente, reconduziu a sua crença na existência da Providência Divina. Assim, ele decidiu estudar a Bíblia por si mesmo, apenas com a ajuda de uma concordância bíblica para descobrir os seus verdadeiros ensinamentos. Seu estudo pessoal durou dois anos e ele concluiu que Jesus voltaria em 1843! No entanto, ele teria passado cerca de treze anos em silêncio com medo de que estivesse errado. Então em 1831 recebeu um convite para pregar em uma igreja próximo onde morava. Entendendo o convite como um sinal divino pregou as suas conclusões sobre a data da volta de Jesus. Sua mensagem causou grande alvoroço e, rapidamente, recebeu mais e mais convites para pregar nas igrejas da vizinhança (MAXWELL, 1982).

Em 1839, Josuah Himes, pastor de uma grande igreja em *Boston*, convidou Miller para pregar. Após a pregação, Himes, aceitou a mensagem e passou a ser o grande organizador da mensagem de Miller. Himes iniciou a publicação de um pequeno jornal e começou a cavar oportunidade para que Miller pregasse em grandes cidades, como *Hartford, Rochester, Syracuse, New York, Philadelphia*, entre outras. Ao se aproximar do ano de 1843 o movimento expandiu-se mais rapidamente alcançando um grande número de seguidores. William Miller não havia marcado nenhum dia para a volta de Cristo, esperava apenas que isso se desse entre março de 1843 e março de 1844, pois ele entendia que o calendário judaico começa entre março e abril do calendário ocidental. A chegada do mês de abril foi muito decepcionante para os milleristas. Vários abandonaram o movimento, mas um grande grupo interpretou como um período de tardança, baseado na parábola das Dez Virgens, relatadas no

² Crença ligada ao Iluminismo que pensava em Deus como um grande relojoeiro, que havia criado o Universo e suas leis, mas não interferia na vida das pessoas.

Evangelho, que seria uma espécie de prova aos verdadeiros fiéis. Durante esse “período de tardança”, um dos muitos pregadores do movimento, Samuel Snow chegou a “data correta” do fim desse tempo de tardança. Segundo os seus cálculos a data exata para a volta de Cristo seria 22 de outubro de 1844. Essa data ficou conhecida entre os adventistas como o Grande Desapontamento (MAXWELL, 1982).

Ao Grande Desapontamento, seguiu-se uma intensa fragmentação do movimento. Basicamente, dois importantes grupos precisam ser destacados. O primeiro interpretou o ocorrido como erro nos cálculos referentes à data. Assim, os cálculos precisavam ser refeitos. William Miller estava entre os defensores dos problemas de cálculos. Ele e um grupo de seguidores acabaram formando a Igreja Adventista Cristã, não existente no Brasil. O segundo acreditava que a data estava correta e que o evento profetizado não era a volta de Cristo a Terra, mas a passagem de Cristo no Santuário Celestial do Santo para o Santíssimo conforme o ritual do tabernáculo relatada no Antigo Testamento. Entre os que aceitaram essa ideia estavam justamente Ellen Harmon³, James White e Joseph Bates, que mais tarde se tornaram fundadores da IASD (ANDERSON, 1987). Para sustentar essa versão os adventistas do sétimo dia eliminaram quase todos os cálculos feitos por Miller que apontavam para 1843, e retiveram apenas o cálculo feito por Samuel Snow referente ao a data de 22 de outubro de 1844, que teria sido justamente o dia que Cristo entrou no Santuário Celestial (SCHÜNEMANN, 2003). A organização do movimento adventista do sétimo dia é representando na literatura oficial como um processo lento, onde as diversas “verdades” específicas do adventismo como o sábado, a doutrina do santuário celestial, o dom profético de Ellen White, a IASD como igreja remanescente e verdadeira surgida no tempo do fim, foram sendo descobertas pelo estudo minucioso da Bíblia e sendo confirmada por Deus então através das revelações a Ellen White (FROOM, 1971). A organização oficial da IASD só ocorre em 1863, durante a Guerra Civil estadunidense. No mesmo ano da organização da IASD como uma igreja legalmente constituída Ellen White “recebeu” uma visão sobre os cuidados da saúde. A IASD a partir daí vai dar uma maior ênfase as questões de temperança que já tinham sido um ponto de aproximação entre Joseph Bates e o casal White. É importante esclarecer, que as manifestações pro-

³ Após casada ficou conhecida como Ellen White.

féticas de Ellen White ocorrem à primeira vez algum tempo após a grande decepção e nessa época ela ainda era solteira. Algum tempo depois, Ellen e James se conheceram em uma reunião adventista. O casamento ocorreu em 1847. Embora, Ellen White seja considerada por muitos a fundadora da IASD por causa de que os crentes se reuniram em torno do seu carisma, é a atuação de James White que vai conduzir a organização da IASD. Tanto que James White ocupou a presidência da IASD durante bastante tempo. O casal White teve um papel preponderante na organização da IASD a partir de um pequeno grupo de crentes desesperados com o Grande Desapontamento (MAXWELL, 1982).

Derosche (2000) caracteriza a IASD como uma igreja de origem milenialista, que tem na guarda do sábado, a crença no dom profético de Ellen White e nos cuidados com a saúde suas marcas mais peculiares. Acrescentamos à crença da IASD, de que ela é a “verdadeira igreja remanescente do tempo do fim”. Isso significa que todas as demais igrejas cristãs estão em apostasia e a única que tem todos os seus ensinados baseados na Bíblia é a IASD. Portanto, todo converso tem a responsabilidade de pregar a mensagem adventista a outras pessoas, inclusive cristãos, para que eles possam aceitar a verdade bíblica. Assim, todo adventista tem o dever de trazer o maior número de pessoas para a igreja.

A expansão adventista

Após a organização da IASD, o crescimento da nova denominação religiosa deu-se com bastante rapidez nos Estados Unidos. Basicamente, a expansão ocorreu em direção ao oeste e em menor intensidade ao sul dos Estados Unidos. Na época da organização, a sede da IASD foi constituída na pequena cidade de *Battle Creek*, Michigan. Essa cidade desde a organização da igreja em 1863 até 1903 foi sede da IASD e das diversas instituições da igreja como a editora, o seminário e o sanatório. A presença de muitos membros assinalou uma importante característica do adventismo do sétimo dia, tanto em sua expansão, quanto em seu funcionamento. As suas instituições eram tanto um vetor de expansão como um fator de concentração de adventistas. A expansão da IASD se deu basicamente chegando a uma nova região ou país e estabelecendo instituições como editoras, escolas e clínicas de saúde, às vezes, só uma, às vezes, todas dependendo das possibilidades e necessidades locais (SCHÜNNEMANN, 2002).

É na história da expansão mundial da IASD que podemos perceber a presença e a contribuição do fator migração. A expansão da IASD tem ocorrido em fases. Duas delas podem ser bem identificadas: a primeira baseou-se em fatores externos favoráveis e a segunda a partir de um plano centralizado de expansão. A primeira ocorreu até próximo ao início da Primeira Guerra Mundial. Na análise da história da expansão da IASD constatamos dois fatores que foram fundamentais para essa primeira fase: as grandes imigrações e o neocolonialismo. A segunda fase passa a ser comandada a partir do interesse da IASD em se estabelecer em todos os países e assim “apressar o fim do mundo”. Na primeira etapa, a IASD era ainda uma igreja muito pequena, não possuía uma organização central forte e tinha uma grande limitação de recursos, de modo que a expansão foi pautada pela lógica das condições “naturais” favoráveis a difusão da mensagem. Já na segunda, há um fortalecimento da organização central, a expansão da própria IASD traz muitos recursos financeiros e assim a partir da década de 1920 progressivamente à expansão da IASD se faz em termos de estratégia centralizada e menos dependente de fatores “naturais”.

Na primeira fase de expansão a IASD se estabelece em todos os países europeus da época, e em vários países da América Latina, em especial no Cone Sul, além de alguns grandes países como Japão, China, além de diversas colônias inglesas como Índia, África do Sul, Austrália e Nova Zelândia. A expansão mundial do adventismo iniciada em 1874 pela Europa foi consequência, segundo o historiador adventista George Knight (2000), da mentalidade da IASD que via o protestante como mais próximo da verdade do que os católicos e do que os “pagãos”. Assim, inicia-se a expansão por aqueles que eram visto como mais facilmente de se converterem ao adventismo.

A mensagem foi inicialmente dirigida a protestantes, começando a partir da Suíça e se desenvolveu um trabalho em especial aos protestantes da França, Itália e Alemanha, também. Há esforços missionários nas Ilhas Britânicas, na Holanda e na Escandinávia em um segundo momento da expansão na Europa. Com exceção da Alemanha que a partir dos meados da década de 1890 apresenta um forte crescimento de membros, a maior parte dos países europeus apresenta muita resistência à expansão da IASD. É importante destacar que uma parte significativa dos conversos alemães era de origem católica, o que indicava uma possibilidade de também alcançar os católicos com a doutrina adventista. Embora, a questão da presença de protestante

possa ter sido um fator importante na difusão da mensagem adventista, a expansão da língua inglesa no mundo através do neocolonialismo também foi um fator importante para o crescimento da IASD. A expansão da IASD nesse período se faz em direção a Austrália, Nova Zelândia, assim, como a Índia, no continente asiático, a África do Sul, no continente africano e Jamaica e Guiana, no Caribe, todos países sob domínio britânico. Na América Latina as primeiras missões foram estabelecidas nos países do cone sul que tinham colônias de imigrantes alemães (SCHÜNEMANN, 2006).

Embora os progressos da expansão adventista em números de conversos fora pequeno até o início da primeira Guerra Mundial, nesse período a IASD conseguiu se estabelecer em várias partes do mundo. Uma análise de dados disponíveis em fontes históricas da própria IASD demonstra que em 1914 já uma grande parte de países independentes possuía igrejas adventistas (SCHÜNEMANN, 2002).

A Questão da Imigração

Os fluxos migratórios no fim do século XIX e início do XX tiveram uma contribuição importante na expansão do adventismo. Klein (2000) coloca o período entre 1880-1914 como o grande período de fluxos populacionais sobretudo da Europa para as Américas, e da Ásia para as Américas, em menor proporção. Estima-se que cerca de 30 milhões de europeus dirigiram-se para as Américas, a maior parte para os Estados Unidos, mas Argentina, Brasil e Canadá também foram grandes receptores de imigrantes.

Os fatores que levam as migrações humanas estão em grande parte ligados a questões de sobrevivência. Quando as condições de sobrevivência em um local se tornam muito difíceis há um contexto para o surgimento do emigrante, não apenas como uma característica do indivíduo, mas como um fenômeno social. Como destaca Sayad (1998) é sempre importante lembrarmos que todo imigrante em outra "ponta" foi um emigrante. Assim, pensar em imigração significa pensar em migrações, em fluxos populacionais. As dificuldades econômicas, políticas ou mesmo sociais, como intolerância religiosa ou política, podem ser razões para estimular fluxos migratórios. Muitas vezes, podemos ser tentados a pensar que o emigrante ao fazer o seu movimento de partida não pretender mais voltar, mas os fluxos migratórios podem ter causas diversas e, por tanto, a permanência no país estrangeiro pode ser permanente ou apenas provisória. Além disso, é necessário evitar fazer generalizações sobre todo o processo

de migrações, pois a cada grande fluxo populacional corresponde a fatores específicos e singulares do processo histórico. Assim, as características da imigração atual do “Terceiro Mundo” para os países centrais são em parte distintas da imigração dos europeus em relação ao continente americano, principalmente no período entre 1880-1914.

A Primeira Fase das Imigrações e a expansão do Adventismo

A expansão da IASD em sua primeira fase teve uma importante contribuição dos imigrantes na difusão de sua mensagem. Essas contribuições não são todas iguais e merecem ser consideradas em suas peculiaridades.

A presença de imigrantes europeus nos Estados Unidos foi a primeira contribuição do fenômeno migratório para o adventismo. Como já foi mencionado a IASD organizou-se na região dos Grandes Lagos. Essa região foi ocupada através das imigrações predominantemente oriundas da Escandinávia e da Alemanha. Muitos desses imigrantes conheceram o adventismo e aceitaram seus ensinamentos. Aconteceu algo interessante que foi o desejo de alguns desses imigrantes retornarem aos seus países de origem para difundir a doutrina adventista para seus compatriotas. O primeiro missionário adventista na Escandinávia foi John Matteson, filho de imigrantes dinamarqueses. Após sua conversão organizou uma igreja adventista para escandinavos em Chicago e decidiu que deveria voltar para a Escandinávia para difundir o adventismo. Ele forma primeiro um núcleo de adventista nas regiões rurais da *Jutland*, Dinamarca. Segue para a Noruega, onde faz alguns conversos e decide publicar uma revista adventista em Oslo, para difundir a mensagem adventista, entre os escandinavos e chega estabelecer uma igreja na Suécia, também.

Outro caso semelhante foi o de Louis Richard Conradi, grande difusor da IASD na Alemanha, que também era imigrante nos Estados Unidos quando se converteu ao adventismo. Embora, Conradi não tenha sido responsável pela inserção da IASD na Alemanha, sua atuação foi fundamental para a rápida expansão da IASD na Alemanha. Sua atuação não se restringiu a Alemanha, mas dirigiu-se para vastas regiões da Europa do Leste, no qual ele procura notadamente diversas comunidades alemãs, várias delas de grupos remanescentes de anabatistas, para o estabelecimento das novas congregações.

Mesmo o envio de J. N. Andrews, para Suíça, como primeiro missionário, está relacionado aos imigrantes. Segundo Maxwell

(1982), Czechowski, ex-sacerdote católico polonês que se convertera a IASD nos Estados Unidos na década de 1850 foi para a Europa por conta própria para difundir o adventismo. Algumas das pessoas que compraram as revistas vendidas por Czechowski solicitaram mais informações a sede da IASD em *Battle Creek*, que enviou Andrews para organizar uma igreja adventista para aqueles interessados. Por fim, ainda temos nessa situação o caso da Rússia. O papel da divulgação coube aos imigrantes russos-alemães nos Estados Unidos que se convertem a IASD, enviando livros e revistas adventistas para seus parentes em colônias alemãs ao longo do Rio Volga e da Criméia. Quando a IASD nos Estados Unidos recebeu solicitação de envio de um missionário, pregadores adventistas alemães foram enviados para orientar e batizar os interessados. Assim, temos mais uma ação de imigrantes se convertendo fora do seu país e de uma forma direta, voltando para o país de origem, ou de uma forma mais distante, através do envio de literatura da nova religião.

Outro padrão que encontramos na inserção da IASD foi das missões na América Latina, em especial na região do cone sul. Como já foi citado anteriormente, Argentina e Brasil receberam grande quantidade de imigrantes europeus. É importante, que ainda houve colônias de imigrantes ainda no Chile, Paraguai e Uruguai, sendo que em especial no último, embora o número absoluto de imigrantes seja pequeno, o país teve grande participação dos imigrantes na composição da sua população (ESTRADA, 2000; ZUBILLAGA, 2000). Em todos esses países a inserção da IASD se deu através de imigrantes, sendo que apenas no Chile os primeiros conversos, também imigrantes, não estavam ligados a uma colônia alemã. É importante destacar que uma parte dessa imigração principalmente para o Brasil, nesse período, priorizava a vinda de famílias, para viverem em colônias agrícolas, pois uma das razões de atração dos imigrantes era o povoamento do interior do país. A análise da expansão nesses vários países demonstra que a presença das colônias alemãs foi um fator importante na preservação da língua e acabou nesse momento um importante fator para a divulgação do adventismo. Vamos focar um pouco mais os detalhes do processo da expansão do Brasil e como a IASD tem se beneficiado dos fluxos populacionais de migração. Antes, porém, queremos apenas destacar que a inserção do adventismo em outras regiões da América Latina se deu de forma independente da presença de imigrantes. No caso da América do Sul especificamente, no Peru e Bolívia, o desenvol-

vimento se deu através da comunidade indígena ao redor do lago Titicaca, e no caso do Equador, Colômbia, Venezuela e América Central continental a expansão foi tardia e relacionada a políticas deliberadas de estabelecimento da igreja nesses países já naquilo que consideramos como sendo o “segundo período de expansão”.

A Contribuição da Imigração para o Adventismo no Brasil

No caso do Brasil, podemos dizer que boa parte da imigração foi com o objetivo de ocupar o interior, o que explica a formação de verdadeiras colônias e regiões de ocupação de imigrantes no sul do país. Entre os principais grupos de imigrantes para o Brasil são destacados os alemães, os italianos, os espanhóis, os portugueses e os japoneses (SCHÜNEMANN, 2002). Os alemães foram os primeiros imigrantes para o Brasil, e durante muito tempo foram os únicos imigrantes presentes no país. Mesmo assim, a quantidade de imigrantes alemães é bem inferior aos demais grupos supracitados. A imigração alemã no Brasil pode ser adequadamente considerada como tipicamente familiar e grupal, pois em sua fase imperial e ainda no início da República, a parte mais expressiva de alemães veio para o Brasil de forma a ocupar regiões rurais principalmente nas regiões mais desocupadas do sul do país e formaram verdadeiras ilhas culturais (SEYERFERTH, 2000).

A razão por que o Brasil optou por trazer imigrantes alemães para serem colonos no sul do país não é clara na documentação oficial. Segundo Seyerferth (2000) um fator importante foi o fato de que a primeira imperatriz brasileira era de origem alemã, o que levaria privilegiar a opção pelos seus conterrâneos na ocupação de áreas remotas. Há outra hipótese que o governo brasileiro ficou mais seguro em favorecer a entrada de um grupo étnico, no qual o país não havia tido colônias, o que tornaria talvez esse grupo menos arriscado de desequilibrar o jogo político. Talvez, até os dois fatos possam estar relacionados. A questão é que os alemães formaram diversas colônias agrícolas no país, além de formar comunidades expressivas com o passar do tempo nas cidades de Porto Alegre, Curitiba e São Paulo. Em especial, nas colônias agrícolas houve um claro processo de isolamento dos alemães em relação à sociedade brasileira. Há várias razões para os alemães terem dificuldades em ajustar-se a sociedade brasileira. Para Seyerferth (2000), os problemas foram: primeiro, o isolamento das colônias em relação às regiões mais dinâmicas do país; segundo, o fato do governo brasileiro não

ter cumprido a sua parte nas promessas feitas aos colonos alemães, sobretudo sobre questões de escolas e estradas; e terceiro, pelo fato de alguns brasileiros, não verem com bons olhos a presença de protestantes no Brasil. É importante considerar, que nem todos alemães eram protestantes, mas eram percebidos como se fossem. A necessidade de manter a população alfabetizada levou que as colônias organizassem as suas próprias escolas e se ensinasse em alemão, cooperando assim para fortalecer o isolamento. Assim, ainda no fim do século XIX, os alemães estavam bem isolados em sua maior parte da sociedade brasileira. É justamente dentro desse grupo tão isolado que a IASD consegue se inserir no Brasil.

Conforme um estudo feito sobre a expansão da IASD na América Latina (SCHÜNEMANN, 2006) a expansão no continente teve duas fases bem distintas. A primeira até o fim do século XIX pode ser caracterizada basicamente pela expansão através dos colportores⁴. Esse empreendimento era feito em grande parte pela coragem e pelo próprio sustento obtido com as vendas dos livros. Como já mencionarmos sobre as linhas gerais da expansão da IASD a igreja se desenvolveu bem na Alemanha. Assim, muitos livros adventistas estavam disponíveis em alemão, bem como um menor número em francês e italiano. A expansão baseada no trabalho do colportores na América Latina e Caribe se deu basicamente em regiões de fala inglesa do Caribe como Jamaica, Guiana, Belize e nas Pequenas Antilhas sob domínio inglês e nas regiões do cone sul, no qual Argentina e Brasil recebiam um fluxo significativo de imigrantes. Em 1893, Albert Stauffer dirige-se para Argentina e Brasil com intuito de difundir a doutrina adventista no extremo sul. No caso do Brasil foram trazidos livros em inglês e alemão. Havia uma expectativa de vender livros para a pequena comunidade de ingleses presentes no Brasil, em grande parte devido aos negócios. O colportor Stauffer chegou ao Brasil em 1893 para vender livros no Rio de Janeiro. A comunidade inglesa local não se demonstrou acessível ao tema dos seus livros e o único êxito foi ter convertido a um teuto-brasileiro de nome Bachmeyer, que resolveu igualmente trabalhar com as publicações adventistas. Eles se separam, mas ambos se dirigem às colônias alemãs para a venda das publicações adventistas. Stauffer fica no sudeste, indo para o Espírito Santo e São Paulo, e Bachmeyer dirige-se ao sul, em especial, as colônias alemãs de Santa Catarina. Lá encontra um comunidade de observadores do sábado, que já

⁴ Nome dado ao vendedor de livros religiosos.

estavam convertidos a doutrina em função de uma publicação adventista *Stimme der Wahrheit*, que havia sido divulgada por lá, antes da chegada dos colportores. A explicação dos adventistas locais para a chegada de publicações em adventista em Santa Catarina tenta atribuir um papel providencial ao ocorrido. Na realidade, a IASD utilizou esse expediente de envio de revistas adventistas para regiões sem membros como uma forma de tentar alcançar eventualmente algumas pessoas. Encontramos esse mesmo padrão de história na inserção da IASD no Haiti, por exemplo.

A oficialização dessa pequena comunidade compostas pelas famílias Belz, Olm, Schimer, Look e Thurn, localizados em Gaspar Alto, então distrito de Brusque - SC, demorou ainda algum tempo, pois o único pastor adventista na América do Sul morava na Argentina. O trabalho em direção ao Espírito Santo também alcançou colônias alemães. A organização da primeira igreja ocorreu em 1895, em Santa Catarina, primeiro e depois, ainda no mesmo ano no Espírito Santo. Há uma controvérsia sobre o fato e alguns adventistas espírito-santenses tentam demonstrar que a data da formação da igreja em Santa Maria-ES, ocorreu antes da de Gaspar Alto-SC. O primeiro adventista batizado, porém, foi Guilherme Stein Jr, que vivia em Piracicaba-SP. A primeira comunidade adventista em São Paulo, porém, foi formada em Rio Claro, próximo a data das demais igrejas, devido haver uma comunidade alemã no local.

Até 1904, segundo Greenleaf (1992) as igrejas adventistas organizadas no Brasil estavam localizadas nas colônias alemãs ou em cidades como Porto Alegre e Curitiba que tinham uma expressiva comunidade alemã. Embora já houvesse conversos brasileiros e grupos de brasileiros convertidos. Durante uma década a IASD no Brasil esteve restrita aos alemães. É importante entender que essas comunidades alemãs falavam fluentemente o alemão em seu cotidiano e conseqüentemente a adoração religiosa também era feito na mesma língua. A literatura adventista em alemão favorecia facilmente ainda mais que a religião ficasse circunscrita à comunidade. Embora, os descendentes de alemães continuassem como o grupo mais representado na IASD no Brasil, há esforços bem sucedidos em converter nativos para a IASD e aos poucos as novas comunidades adventistas não são alemãs.

Além disso, como já mencionamos anteriormente a IASD na Alemanha teve uma forte expansão e o fortalecimento das comunidades adventistas alemães no Brasil foi visto como um alvo missio-

nário, ao mesmo tempo em que adventistas alemães sentem o forte controle do Estado Alemão sobre crenças divergentes, resolveram imigrar para o Brasil, aumentando um pouco mais ainda a força dos alemães na IASD brasileira.

De fato, até o fim da Primeira Guerra Mundial, a IASD brasileira, embora já tivesse entre os seus membros brasileiros, era majoritariamente composta de teuto-brasileiros e era liderada por alemães, alguns que vieram diretamente para o Brasil e outros que haviam imigrado para os Estados Unidos e depois resolveram aceitar o trabalho missionário de fortalecer a IASD no Brasil. Greenleaf (1992) pesquisador da expansão da IASD na América Latina comenta que quando o Brasil declarou guerra aos alemães, a IASD ficou sob suspeita por conta da grande presença de alemães entre seus membros e também um sentimento de hostilidade de alguns adventistas alemães em relação a declaração de guerra do Brasil. Esses fatos favoreceram que a direção geral da IASD nos Estados Unidos resolvesse não enviar mais os missionários alemães ao Brasil, transferindo à liderança da IASD brasileira para os estadunidenses.

A IASD nesse primeiro momento valeu-se da presença das colônias alemãs para estabelecer a pregação adventista no território nacional. Nesse sentido, é importante destacar que o perfil predominante dos primeiros conversos adventistas no Brasil foi de famílias já estabelecidas no país. As colônias alemãs estavam de um modo geral distante de regiões de recursos e receberam pouco ou nenhum apoio do governo brasileiro. Até mesmo a Igreja Luterana na Alemanha pouco se preocupou em atender as comunidades alemãs no Brasil. Segundo Magalhães (1998) somente após a conversão de alguns colonos ao adventismo é que a Igreja Luterana preocupou-se em enviar mais assistência espiritual a colônia. Os números demonstram que os conversos foram poucos, mas causou preocupação entre os líderes religiosos da colônia. Consideramos que alguns fatores contribuíram para a adesão de alguns colonos alemães a doutrina adventista. Em primeiro lugar, uma parte dos alemães que haviam imigrado para o Brasil tinha uma prática religiosa pietista, que enfatiza as práticas religiosas pessoais. A IASD também tem elementos pietistas em sua abordagem. A aceitação da IASD pode ser visto como uma oportunidade de revigorar aqueles ideais. Vemos que a pregação da IASD era próxima à mentalidade desses primeiros conversos, não representando uma ruptura, mas aceitação de uma mensagem que revivia os ideais comuns. Não temos dados que demonstrem que

as práticas dos primeiros conversos fossem pietistas, mas fica claro que há uma fácil aceitação que pode ser entendida pela proximidade cultural. Outro aspecto que parece ter sido importante era a presença rarefeita de liderança religiosa nas comunidades alemãs de modo que a pregação de uma nova doutrina que revivia crenças comuns, com “algumas verdades” adicionais foi realmente atrativa. Nesse período o papel da imigração está associado à formação das colônias, que mantiveram uma mentalidade protestante bem forte dentro da cultura brasileira.

Podemos focalizar um segundo momento da expansão adventista, que ocorre após a Primeira Guerra Mundial. Nesse período a IASD já havia se decidido por estabelecer São Paulo, como seu centro de expansão. O Colégio para formação de missionário havia se localizado recentemente em Santo Amaro, município a 15 km aproximadamente do centro da Capital⁵ e a editora já estava desde 1907, no município de São Bernardo do Campo⁶, próximo à estação de ferro Santos-Jundiaí. A formação de uma Unidade administrativa denominada União Sul-Brasileira, para administração os Estados do Sul e do Centro-Oeste na qual estava concentrada a maior parte dos adventistas foi um passo importante para que a cidade de São Paulo e seu crescimento acelerado fosse o principal núcleo de pregação adventista. No período entre guerras, o fluxo de imigrantes para o Brasil e, em especial São Paulo, já havia declinado um pouco em relação ao período anterior (1890-1918), mas ainda continuava sendo expressivo. São Paulo recebia imigrantes de várias partes do mundo, mas em especial de italianos, espanhóis, portugueses e japoneses. Nesse período o crescimento da IASD, em São Paulo, se relaciona muito aos imigrantes que estão chegando ou chegaram a pouco tempo no Brasil.

O crescimento do adventismo nesse período em São Paulo, pelo menos se dá de forma intensa. O primeiro local de culto adventista na capital foi organizado no centro por volta de 1915. Antes, em 1914, fora organizada a igreja em Santo Amaro. Entre os conversos em Santo Amaro, ainda estavam alguns remanescentes da colônia alemã fracassada na região. A primeira igreja oficial organizada na cidade de São Paulo foi estabelecida no centro da cidade, próxima

⁵ Atualmente Santo Amaro não é mais um município, mas um bairro de São Paulo.

⁶ A parte na qual foi instalada a editora corresponde hoje ao município de Santo André. Desde 1985 a editora da IASD no Brasil está localizada em Tatuí, SP.

a Avenida São João, cerca de dez anos mais tarde um grande templo foi construído no bairro da Liberdade. Para o fim da década de 1920 foi estabelecido um grupo no bairro do Brás, resultado de uma série de conferências no bairro, local com grande concentração de italianos. A presença de membros italianos ou descendentes é bem visível na formação dessa igreja. No início da década de 1930, foi estabelecida uma igreja no bairro da Lapa, que tinha de peculiar um grande número de húngaros entre os seus membros (HOSOKAWA, 2006). A primeira igreja adventista da cidade de São Paulo abrigou durante muito tempo um número expressivo de conversos imigrantes e de filhos de imigrantes, em especial italianos e espanhóis, tendo inclusive alguns de origem japonesa. Atualmente, há uma pequena igreja japonesa em São Paulo. Ela é composta basicamente dos poucos imigrantes japoneses que se converteram a IASD.

Evidentemente, que durante um longo período São Paulo foi uma cidade intensamente marcada pela presença do estrangeiro (ROSSINI, 2004). Como destaca Alvin (2000) São Paulo, Estado e Cidade, foram os grandes receptores do grande fluxo de imigração que se estabelece para o país com objetivo de suprir a falta de mão-de-obra escrava nas plantações cafeeiras. A presença do imigrante em geral, e do italiano, em São Paulo, deixa claro que seria quase impossível que a IASD crescesse na região sem incluir vários imigrantes entre os seus membros. A importância do imigrante na expansão da IASD no Brasil nesse período é evidente em função do crescimento de forma bem intensa em São Paulo. Comparando dados sobre o crescimento das regiões administrativas da IASD no Brasil entre 1919 e 1937 constatamos que o Estado do Rio Grande do Sul, que logo se destacara nas primeiras décadas como o principal centro do adventismo, tem no período um crescimento de 120% no número de membros, enquanto o Estado de São Paulo tem no período um crescimento de 540% (SCHÜNEMANN, 2002). A grande expansão da membresia da IASD no Brasil até 1940 tem justamente em São Paulo, em especial, na capital. Assim, é possível concluir que a grande presença de imigrantes na cidade foi um fator favorável ao crescimento da IASD.

Apenas, a título de complementação, no caso paulistano, quando o fluxo migratório para São Paulo deixou de ser predominantemente de estrangeiros e passou a de ser de migrantes nordestinos, podemos observar a continuidade do crescimento. O

desenvolvimento de São Paulo, segundo Caldeira (2000), a partir da década de 1940 se faz em direção a periferia, estimulando a autoconstrução. Grande parte da população desses bairros é constituída de migrantes nordestinos. Reconhecendo, a partir da década de 1950, o potencial de crescimento a liderança da IASD em São Paulo compra terrenos nessas áreas de periferia e organiza grandes séries evangelísticas nesses locais. O grande foco do crescimento da IASD foi nesse período alcançar as populações de migrantes percebidas como de fácil conversão. A técnica era simples. Primeiro, eram armadas tendas para o evangelismo público. A partir dos conversos resultantes da programação de evangelismo era organizado um pequeno grupo que recebiam um pequeno apoio para o início das atividades religiosas e ao longo dos anos se transformaram em igrejas. Um estudo sobre a presença da IASD na década de 1990 demonstra claramente a concentração nas regiões periféricas da cidade de São Paulo que apresentaram um grande fluxo de migrações até recentemente (SCHÜNEMANN, 1999). No caso específico da cidade de São Paulo, houve um planejamento específico no crescimento em direção às regiões periféricas na qual concentravam os imigrantes. No entanto, os dados do crescimento da IASD no Brasil demonstram claramente que a partir de 1980 a urbanização maior de outras metrópoles estaduais cooperou para que esse tipo de crescimento se repetisse, apesar de não se registrar em outros locais o mesmo tipo de estratégia que foi usado na cidade de São Paulo.

Até aqui essa descrição dos momentos de conversão de migrantes a IASD nos permite avaliar que existiram pelo menos três momentos de crescimento. O primeiro, durante a inserção da IASD no Brasil os imigrantes eram em grande parte já estabelecidos no país em colônias, o que nos conduz que a adesão a IASD deve ter se dado por algum motivo diferente dos momentos seguintes em que os conversos mais abundantes são dos imigrantes europeus e japoneses que chegam a São Paulo e depois das populações nordestinas que chegam de forma intensa a São Paulo. Estas questões serão discutidas na parte final do artigo. A rigor, as últimas apresentam semelhanças, em grande parte essas pessoas chegam a uma grande cidade, enquanto o primeiro tipo entre as comunidades alemãs era em regiões rurais e nas quais basicamente a conversão foi de famílias inteiras.

Os novos fluxos migratórios

Por fim, temos uma última análise dos fluxos de imigração e o crescimento da IASD a fazer. A IASD atualmente é uma igreja que se mantém no Primeiro Mundo basicamente em função dos fluxos populacionais do Terceiro Mundo. Os processos de imigração atualmente mudaram o sentido daquele estabelecido durante o fim do século XIX e quase todo o século XX. Castells (1999) comentando os fluxos de imigração nos Estados Unidos constata uma queda do processo a partir das décadas de 1960 chegando ao mínimo na década de 1970, apresentando desde então um novo crescimento dos fluxos migratórios, mas nesse caso não mais de europeus, mas predominantemente de latino-americanos e asiáticos. Esse mesmo “ponto de inflexão” pode ser observado na Europa, que ainda um pouco depois da Segunda Guerra Mundial ainda tem pequenos fluxos de emigrantes. Aos poucos, porém, há um movimento reverso em função da crescente demanda por trabalhos em uma sociedade afluyente e da estagnação do crescimento populacional nativo. Assim, a Europa ocidental é obrigada a “importar” mão-de-obra de regiões do terceiro mundo, sendo que em alguns países como França e Reino Unido isso também se relaciona ao fim do colonialismo. Os dados demonstram que as últimas décadas do século XX apresentam novamente um intenso fluxo populacional. No caso do Brasil, o país que durante muito tempo foi um receptor significativo de imigrantes, se vê hoje, como um país de emigração, com expressivos contingentes populacionais, quase dois milhões entre 1980-2000, se dirigindo aos Estados Unidos, Japão e Europa (CARVALHO; CAMPOS, 2006). De um modo geral, essa imigração como as demais tem sido mais intensa entre as camadas menos favorecidas, embora os custos de imigração não sejam desprezíveis e o intenso fluxo de imigrantes em direção aos países centrais tem gerado barreiras cada vez maiores aos imigrantes oriundos do Terceiro Mundo (SALES, 2006). Assim, diferente das grandes imigrações do fim do século XIX e início XX, a atual, se dá com um crescente estabelecimento de barreiras aos imigrantes. Não se pode dizer que as condições sejam muito diferentes, pois o estudo de Sayad (1998) sobre as condições dos imigrantes na França, é semelhante aquela que encontramos em obras sobre as condições de vida de imigrantes nos Estados Unidos ou no Brasil.

Mais uma vez os fluxos de imigração que se intensificam contribuem de forma significativa com o crescimento da IASD. No

início da década de 1980, os Estados Unidos ainda detinha uma parcela significativa de membros da IASD, mas as crises internas desse período levam a IASD a adotar uma estratégia evangelista conhecida como “Mil Dias de Colheita”, na qual a ideia era durante mil dias batizar mil membros ao redor do mundo. O sucesso do programa evangelístico da IASD se deu basicamente pelo crescimento de membros nas regiões do Terceiro Mundo, aumentando ainda mais a concentração da IASD no Terceiro Mundo (SCHÜNE-MANN, 2002). Boa parte desses países no qual o crescimento da IASD se dá de forma exponencial são países pobres, no qual uma boa parte da população imigra em direção aos países centrais. Entre os imigrantes há muitos adventistas do sétimo dia. Lawson (1999) realizando um estudo sobre a IASD na região metropolitana de *New York* demonstra de forma clara que a composição étnica das diversas igrejas reflete a composição populacional da cidade, tendo até uma menor participação de estadunidenses nas igrejas locais. Um levantamento feito através da internet permitiu localizar 47 igrejas adventistas de fala portuguesa nos Estados Unidos, sendo a maioria indicada como Igreja Brasileira ou Luso-Brasileira. Conforme pode ser observado na Tabela 1.

Os resultados demonstram que as igrejas não estão distribuídas de forma uniforme. A maior concentração dessas igrejas está em *Massachussets*, que é justamente o local de maior concentração de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos. Há também expressiva concentração de igrejas na região metropolitana de *New York* com cerca de 5 igrejas, e no sul da Flórida com o mesmo número. O número de membros dessas igrejas é bastante variado. A maior congregação segundo a pesquisa é a de *Fort Lauderdale, FL*, com cerca de 500 membros. O site de divulgação da Igreja afirmava que pelo menos metade dos membros é de pessoas que já eram adventistas no Brasil e que a outra metade é constituída por brasileiros que se convertam pela ação direta da igreja. É importante ressaltar que aqui estamos focalizando apenas a imigração brasileira para os Estados Unidos, que é muito inferior a de outros países latino-americanos. Assim, o número de igrejas de imigrantes é expressivo, embora em nosso estudo não tenhamos analisado outros grupos.

Uma reportagem mais recente da própria IASD destaca que em alguns países europeus cerca de 80% dos membros é de estrangeiros que imigraram (ROWE, 2007). Há, por exemplo, uma Igreja Luso-Brasileira em Paris. Em nossa pesquisa, constatamos, porém,

Tabela 1. Relação de Igrejas Adventistas de Fala Portuguesa nos Estados Unidos

Estado	Cidade	Total
Arizona	Meza	1
Califórnia	Mountain View, Glendale, Chino	3
Connecticut	Bridgeport, Danbury, Hartford	3
Florida	Pompano Beach, Fort Lauderdale, Miami Beach, Orlando, Bunell, Miami	6
Georgia	Atlanta(Smyrna), Laurenceville	2
Illinois	Downers Grove	1
Maryland	Highland, Gaithersburg, College Park	3
Massachussets	Boston (Malden), Brockton, Falmouth, Dorchester, Everett, Fall River, Framinghram, Lancaster, Lowell, Lynn, Milford, New Bedford, Seekonek, Sommerville, Worcester	15
New York	Kings Park, Jackson Heights, Mount Vernon	3
New Jersey	Newark	1
Ohio	Columbus	1
Pennsilvania	Philadelphia, Pittsburgh	2
Rhode Island	Pautucket	1
Texas	Irving, Carrollton, Richardson, Arlington	4
Virginia	Richmond	1
Estados Unidos		47

que na Europa os imigrantes geralmente não têm organizado igrejas separadas como ocorre nos Estados Unidos. Podemos acrescentar que essas igrejas recebem tanto os imigrantes legais quanto os ilegais. Uma análise dos dados do crescimento da IASD na Europa demonstra que apenas países nos quais há um fluxo significativo de populações de terceiro mundo de regiões latino-americanas e africanas cristãs, há um impacto no crescimento na IASD. A própria reportagem indicava que isto, a presença de imigrantes na IASD europeia e estadunidense, não é o reflexo de uma maior preocupação evangélicas dos imigrantes ou da conversão dos imigrantes, mas quase sempre da transferência populacional. É interessante observarmos que nos países europeus em que a migração de populações cristãs é menor, o crescimento da IASD é baixo e mesmo em algumas regiões apresenta declínio significativo de membros como Alemanha e Suécia.

Avaliação da Imigração e o Crescimento da IASD

Ao longo desse estudo apresentamos várias formas e momentos em que a IASD teve o seu crescimento associado aos fluxos de mi-

gração e que ainda hoje quando há uma “reversão” desse fluxo, se observa esse movimento como relevante para a expansão da IASD. Uma relevante discussão deve nos permitir avaliar as diversas formas com a qual a imigração relacionou-se com a expansão da IASD durante mais de um século. O caso da expansão da IASD no Brasil é significativo visto que encontramos basicamente as diversas formas de intersecção. A primeira relação que encontramos foi a inserção da IASD no Brasil através da comunidade alemã. Aqui nesse caso os conversos eram boa parte nascidos no país, mas mantinham ainda total identidade com a cultura alemã. Nesse caso, assim como na Argentina, Uruguai e Paraguai, a presença de comunidades alemãs eram ligadas a uma mentalidade religiosa protestante. Embora, a mensagem da IASD fizesse crítica ao protestantismo de seus dias, a grande questão é que a reivindicação era de serem os verdadeiros continuadores da reforma protestante. A liturgia e a doutrina adventista no momento estavam intimamente ligadas ao protestantismo de forma que era natural o acesso e a conversão desses grupos. No caso do Brasil essa vantagem inicial se demonstrou posteriormente uma barreira, uma vez que esse grupo mantinha sempre uma hostilidade maior a elementos da cultura brasileira. A presença do imigrante alemão nesse caso foi um fator importante devido a maior proximidade de mentalidades.

A adesão de vários imigrantes na cidade de São Paulo ao adventismo durante as primeiras décadas do século pode facilmente ser associada à possibilidade de formação de vínculos mais próximos. A IASD tinha uma forte característica sectária e que estimulava os laços fraternais entre os irmãos. Weber (1982) já tinha percebido que as seitas estadunidenses caracterizavam-se por um sentimento de igualdade entre os membros e o fortalecimento dessas redes de compadrio. Os conversos em São Paulo ao adventismo eram bastante diferentes dos primeiros nas colônias alemãs, pois lá, ocorreu a conversão de famílias inteiras, ao passo que nesse caso a adesão se dava mais individualmente. O sujeito imigrante deslocado das relações de parentesco se torna mais vulnerável a adesão de movimentos religiosos que permitam um estreitamento dos laços. Assim, a conversão é uma oportunidade de construir novos laços. Apesar de a IASD manter uma mensagem em oposição à cultura brasileira, ela poderia oferecer algum tipo de solidariedade e até atratividade, pois vinha de uma cultura relativamente mais favorável a imigração.

Por fim, temos a imigração no qual populações já convertidas a IASD no terceiro mundo se encontram em países de primeiro mundo. O fato de a IASD ser uma igreja internacional favorece esse tipo de ocorrência e até poderia ser pensando como um elemento de formação de redes de migração. Um dos grandes desafios do imigrante é encontrar um ponto de apoio em uma cultura estranha e hostil. A presença de sua comunidade religiosa, ainda que a rigor tenha muitas diferenças culturais, pode servir de um elemento de percepção favorável ao emigrante, que pode se sentir ligado a um grupo que poderia facilitar a transposição. É importante refletirmos que segundo os dados da própria IASD, em alguns locais a comunidade adventista é quase totalmente de imigrantes. Esse dado, pode não favorecer a integração no novo local, mas pode servir de um ponto de apoio mútuas as vicissitudes enfrentadas pelo grupo.

Sayad (1998) afirma de forma categórica que o imigrante é um sujeito em uma relação de submissão diante da ordem dos fatos sociais. Ele imigra pela falta de possibilidade em seu país e se submete a uma posição de inferioridade aonde chega. Essa situação é percebida quando a imigração se dá em direção Terceiro-Primeiro mundo. Nesse caso o imigrante chega a uma sociedade mais sofisticada e tem grande dificuldade de entender as novas regras de convívio. Essa relação de imigração é mais difícil, que aquela vivenciada por europeus em direção as Américas, uma vez que, embora estivessem imigrando pela falta de condições em seus países, os países receptores, não estavam em condições de superioridade cultural, o que explica que muitos desses tiveram sucesso relativamente rápido. A imigração atual do Terceiro para o Primeiro mundo tem sido cada vez mais combatida pelos receptores, criando condições diferentes do primeiro grande fluxo migratório considerado nesse estudo. Isso, talvez nos ajude a compreender o papel de que a manutenção de vínculos com uma igreja como IASD possa ser favorável ao imigrante. Assim, poderíamos pensar que no primeiro fluxo de imigração, o imigrante basicamente adere a uma nova igreja no local que chega como forma de se adaptar ao novo país, ao mesmo tempo em que cria novos laços de apoio. A adesão a IASD no continente americano, tanto nos Estados Unidos, como em regiões do cone sul poderia ser entendidas claramente como uma possibilidade de se inserir a uma nova sociedade, no qual o fato da IASD naquele momento ser uma pequena igreja favorecia laços comunitários e fraternais que seriam um importante elemento de aceitação da nova fé. No entanto, agora

temos outro tipo de imigração que se estabelece como padrão. Os imigrantes que chegam ao primeiro mundo vêm de países mais atrasados, o sentimento de rejeição é reforçado em grande parte pela clandestinidade desses imigrantes. Isto, talvez possa explicar a manutenção da antiga pertença religiosa dos imigrantes. Assim, ao chegar a um país estrangeiro, o imigrante, busca uma referência de suporte na sua comunidade religiosa. Na medida em que essa própria comunidade é composta cada vez mais de pessoas em situação semelhante é possível encontrar nela oportunidade de socialização através do trabalho, do casamento e mesmo apoio às necessidades sociais. Além disso, no caso específico da imigração para os Estados Unidos, o imigrante que permanece na IASD, tem uma identificação com uma igreja tipicamente local que de alguma forma pode favorecer a sobrevivência dele na nova sociedade.

Considerações finais

Durante um século e meio de grandes fluxos populacionais através do mundo a IASD beneficiou-se desses movimentos. Em um primeiro momento, com um pequeno número de membros e recursos limitados para a expansão, os fluxos migratórios da Europa para as Américas se demonstraram um fator muito importante, para a difusão por processos “naturais” da doutrina adventista. Considerando, por exemplo, como a IASD demorou em se estabelecer em países da América Latina, como Colômbia e Venezuela, entre outros, pode-se perceber como a presença de imigrantes europeus no cone sul foi um fator importante para a inserção e expansão. Além disso, o processo de urbanização acelerada, na qual uma grande quantidade de pessoas migra para as áreas urbanas, na qual o Brasil é um caso exemplar, favorece a conquista de novos membros. A migração rural-urbana intensa nas regiões de Terceiro Mundo está intimamente associada ao crescimento da IASD nessas regiões, pois em quase todos os casos o crescimento se dá nas grandes cidades. Por fim, constatamos no momento atual, a sobrevivência de uma mensagem apocalíptica como da IASD em países ricos é sustentada pelos imigrantes de Terceiro Mundo. A maior parte desses imigrantes busca manter vínculos com a igreja como forma de facilitar a sobrevivência. O fato de a IASD ser uma igreja internacional presente em vários países acaba hoje servindo de apoio para imigração e também permite uma nova reconfiguração da própria igreja na composição de sua membresia.

Bibliografia

- ALVIM, Zuleika Maria Forcione. O Brasil Italiano. (1880-1920). In: Fausto, Boris (org). *Fazer a América*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- ANDERSON, Eric. The Millerite Use of Prophecy. In: Numbers, Ronald L e Butler, Jonathaan, M. *The Disappointed- Millerism and Millenarism in Nineteenth Century*. Bloomington, IN, Indiana University Press, 1987.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Edusp/Editora 34, 2000.
- CARVALHO, José Alberto de Magno, e CAMPOS, Marden Barbosa. *A variação do saldo migratório do Brasil*. Estudos Avançados. 20 (57), 2006. 55-58.
- CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. São Paulo, Paz e Terra, 1999.
- DEROSCHE, Henri. *Dicionário de Messianismos e Milenarismos*. S. Bernardo do Campo, SP, UMESP, 2000.
- ESTRADA, Baldomero. Imigração Européia no Chile (1880-1920). In Fausto, Boris (org). *Fazer a América*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- FROOM, L.E. *The Moviment of Destiny*. Washington. D.C. Review and Herald, 1971.
- GREENLEAF, Floyd. *The Seventh-Day Adventist Church in Latin American and the Caribbean*. Berrien Springs, Michigan, Andrews University Press, 1992.
- HOSOKAWA, Elder. *Subsídios para a História do Adventismo no Estado de São Paulo*. 2006 [monografia].
- KLEIN, Herbert. S. Migração Internacional na História das Américas. In: Fausto, Boris (Org.). *Fazer a América*. São Paulo, EDUSP, 2000.
- KNIGHT, George R. *Uma Igreja Mundial – Breve História dos Adventistas do Sétimo Dia*. Tatuí, SP. Casa Publicadora Brasileira, 2000.
- LAWSON, Ronald. When Immigrants Take Over: The Impacto f Immigrant Growth on American Seventh-day Adventism's Trajectory from Sect to Denomination. *Journal for the Scientiifc Study of Religion*. 1999, 38 (1):83-102.
- MAGALHÃES, Marionilde Brepohl. *Pangermanismo e Nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.
- MAXWELL, C. Mervin. *História do Adventismo*. Sto. André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1982.
- ROSSINI, Rosa. A Interculturalidade na metrópole: os velhos e novos imigrantes internacionais. In. Carlos, Ana Fani A. e Oliveira, Ariovaldo Umbelino. (Org.). *Geografias de São Paulo*. São Paulo: Editora Contexto, 2004.
- ROWE, Taaschi. *Imigrantes Sustentam a Membresia da Igreja Adventista em Algumas Regiões*. Seventh-day Adventist Bulletin. August 6, 2007.
- SALES, Teresa. *ONGs Brasileiras em Boston*. Estudos Avançados. 20 (57), 2006.
- SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração*. São Paulo: EDUSP, 1998.

SCHÜNEMANN, Haller E. S. *O tempo do fim: uma história social da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil*. São Bernardo do Campo, SP: UMESP, 2002. [tese de doutorado]

_____. Análise da formação de uma ideologia religiosa: o caso da Igreja Adventista do Sétimo Dia. *Estudos em Religião*. Ano XVII. n. 25. p.83-98. 2003.

_____. A Inserção da Igreja Adventista do Sétimo Dia na América Latina. *XI Congresso da ALER; Religião e Etnicidade*. São Bernardo do Campo, SP. 2006 (comunicação oral)

_____. *A Presença da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Município de São Paulo: um estudo de Geografia da Religião*. Acta Científica. V1. n2. 1999.

SEYEFERTH, Giralda. A Colonização Alemã no Brasil; Etnicidade e Conflito: In Fausto, Boris (Org.). *Fazer a América*. São Paulo: EDUSP, 2000.

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1982.

YOST, F. Donald. Sete Tendências Adventistas: perfil estatístico de um igreja em mudança). *Dialógo Universitário*. Vol. 2. n.2. p. 9-17,1990.

ZUBILLAGA, Carlos. Breve Panorama da Imigração Maciça no Uruguai (1870-1931). In: Fausto, Boris (Org.). *Fazer a América*. São Paulo: EDUSP, 2000.